

Eles não querem que nosso sangue escorra pelas pernas

Mariana do Vale Gomes¹

Resumo: Neste artigo, assumo a reprodução assistida como *performance* para a entender como estratégia artística e política de resistência. Inicio resgatando historicamente os avanços científicos que possibilitaram a existência das técnicas de reprodução assistida e avanço investigando aspectos que me ocorreram enquanto meu corpo performava a reprodução, como fracasso e loucura.

Palavras-chave: *Reprodução. Fracasso. Loucura. Performance.*

They don't want our blood running down our legs

Abstract: In this article I assume the assisted reproduction policy as performance to understand it as an artistic strategy and resistance. I begin the essay historically rescuing the scientific advances that made the existence of assisted reproduction techniques possible and advance by investigating aspects that I knew when performing a reproduction, such as failure and madness.

Keywords: *Reproduction. Failure. Madness. Performance.*

¹ Doutora em arte contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. Mestre em artes visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ. Professora adjunta do Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Campus Universitário Lagoa Nova, Natal - RN, CEP 59078-970 - E-mail: mariana.vale@ufrn.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2623-4361>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7936545516617434>. Natal, RN, Brasil.

Parece que sempre foi sobre nos experimentar

Nossos¹ corpos controlados pelo Estado já são pauta da luta feminista desde seu princípio. Aqui, porém, o que me interessa é olhar especificamente para os intentos de controle de nossas atividades reprodutivas.

[Pergunto-me se, em algum momento, tivemos nós mesmas esse controle.]

Começo por pensar no primeiro artifício hormonal de controle do nosso sistema reprodutivo: a pílula anticoncepcional. Ali parecia que assumíamos (retomávamos) as rédeas de nosso prazer, no momento em que se fazia possível arrancar do ato heterossexual seu caráter conceutivo. Ainda que suspeite que não haja sido de fato o nosso prazer que motivou o advento dessa inovação bioquímica,² a pílula permitiu-nos, de alguma forma, experimentar uma economia de trabalho.³ Não que isso baste, até porque não precisamos de muito esforço para perceber como o capitalismo abocanhou essa lacuna. Parece, todavia, que, já aí, são-nos apresentadas pelo Estado “políticas de controle e produção da vida” – o que Paul Preciado (2018, p.48) chama de biopolítica – que engendram cada vez mais o manejo de nossa capacidade reprodutiva. Não, não estamos no controle – ainda.

Avançemos para a reprodução assistida.

1 Há uma urgência em falar sobre quem aqui escreve e como escreve. Sou uma mulher cis, lésbica e racializada. Esses marcos estão impregnados na investigação aqui relatada. Além disso, neste texto, experimento uma escrita íntima, em primeira pessoa e dialógica. Uma escrita performativa que ecoa o que ela mesma discute.

2 E Preciado (2018, p.30, grifo meu) confirma: “A invenção da pílula anticoncepcional, primeira técnica bioquímica capaz de separar a prática heterossexual da reprodução, foi resultado direto do crescimento da experimentação endocrinológica e provocou o desenvolvimento do que poderia ser chamado, brincando com o termo de Eisenhower, de ‘complexo industrial sexo-gênero’. Em 1957, a Searle & Co. passou a comercializar a Enovid, primeira pílula anticoncepcional (‘a pílula’) produzida a partir da combinação de mestranol e noretinodrel. Inicialmente indicada para o tratamento de disfunções menstruais, ‘a pílula’ foi aprovada para uso contraceptivo quatro anos mais tarde. Seus componentes químicos logo se tornariam as moléculas farmacêuticas mais usadas na história da humanidade”.

3 “De fato, o único dispositivo verdadeiro de economia de trabalho que as mulheres usaram nos anos 1970 foram os contraceptivos, como se percebe pelo colapso da taxa de nascimento, que em 1979 despencou para 1,75 criança a cada mil mulheres entre 15 e 44 anos” (Federici, 2019, p. 100).

Em 1941, as primeiras moléculas naturais de progesterona e estrogênio foram obtidas a partir da urina de éguas grávidas (Premarin), e logo depois hormônios sintéticos (noretindrona) passaram a ser comercializados (PRECIADO, 2018, p.28-29).

Para mim, progesterona e estrogênio têm cheiro, Paul.

Assim como se referem a um rato e a um macaco, os estudos que apontam o início da multiplicação de células por meio da fertilização *in vitro* referem-se à mulher. Mais uma vez, a mulher como bode expiatório.

Utilizando o material cirúrgico disponível no Hospital Gratuito para Mulheres, fizemos, durante os últimos seis anos, inúmeras tentativas de conseguir a fertilização e a clivagem de óvulos humanos obtidos de tecido ovariano retirado um pouco antes do tempo esperado de ovulação (ROCK, MENKIN, 1944).⁴

[A que mulher pertencem esses óvulos?]

*

Sou capaz de imaginá-la deitada sobre uma maca dura, invadida por um catéter que entra por um espéculo metálico que abre o caminho e avança até os ovários, de onde são sugados os folículos que portam ou não os óvulos. Ela está sedada, como ficam os vulneráveis. Dizem ser por causa da dor. Eu também estava. Ao acordar, ela anda com dificuldade, carrega um abdômen inchado e sangra um pouco.

*

As mulheres são identificadas por suas idades, dia do ciclo menstrual e iniciais: D. D., R. P. e J. D (ROCK, MENKIN, 1944). Nesse momento, o que interessa é apenas o que delas se arranca. Nada as diferencia de ratos de laboratório.

O que me faz lembrar de quando nos experimentavam em busca da cura

4 Nessa e nas demais citações de originais em idiomas estrangeiros, a tradução é minha. No original: Utilizing the surgical material available at the Free Hospital for Women, we have, during the past six years, made numerous attempts to achieve in oitm fertilization and cleavage of human eggs obtained from ovarian tissue removed just prior to the expected time of ovulation.

da histeria⁵ e, acreditando que o útero se deslocava em nosso corpo, para que ele voltasse ao lugar, faziam as mulheres tidas como histéricas aspirar maus odores, como os de chifre queimado, substâncias pútridas, amoníaco, urina e fezes humanas, e colocavam-lhes na zona vaginal odores agradáveis, como os de âmbar, tomilho, láudano ou noz-moscada fervidos em vinho.

De início, ao vasculhar essas possibilidades, esbarrei inúmeras vezes com a história de uma mulher, Louise Brown, primeira bebê nascida por fertilização *in vitro*, em 1978. Só até aí, porém, chega o nosso protagonismo. O nome mais importante para a reprodução assistida no mundo é o de um homem, Robert Edwards (JOHNSON, 2010).

Robert Edwards nasceu em 1925 e casou-se em 1954 com sua principal colaboradora científica, Ruth Fowler. No texto lido em sua homenagem, na entrega do prêmio Nobel de Medicina em 2010 (JOHNSON, 2010), Ruth aparece com destaque na função de mãe de suas cinco filhas. Ainda que o texto especule uma possível intimidação de Robert pela família de Ruth, como esperado, isso se deve aos logros de homens: pai e avô. Nada de novo. Sigamos.

Os estudos começam novamente por ratos. E o que se busca é uma superovulação, até então nunca experimentada.

*

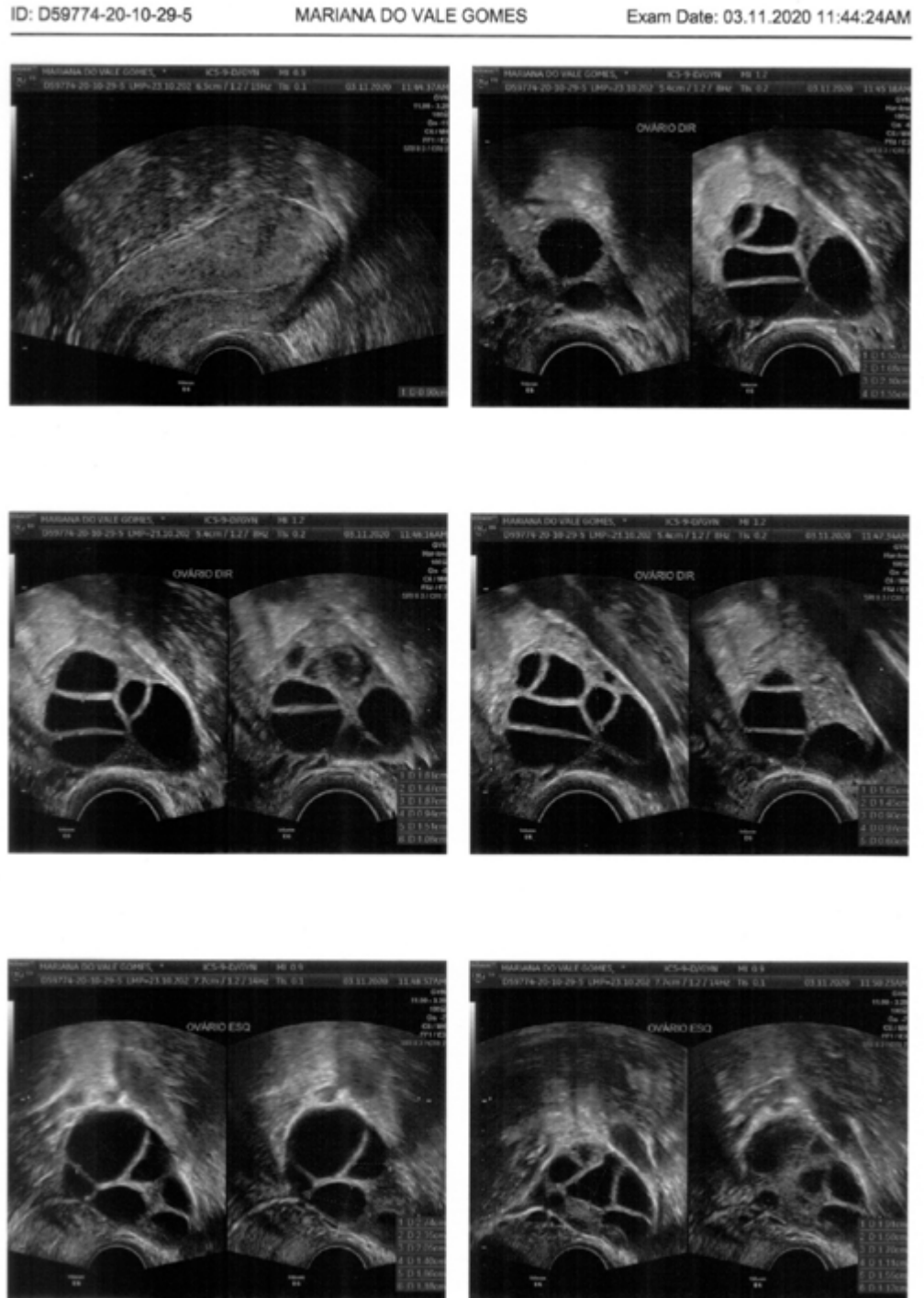
Depois de injeções diárias de hormônios durante dez dias e inúmeros exames invasivos, com um transdutor entre as pernas, mediram o tamanho dos meus 22 folículos. O maior deles tinha 25 milímetros de diâmetro.

*

Nas espécies rudimentares, o organismo como que se deixa reduzir ao aparelho reprodutor; nesse caso, há primazia do óvulo, e portanto da fêmea, posto que o óvulo está principalmente votado à pura repetição da vida; mas ela não passa de um abdome e sua existência é por inteiro devorada pelo trabalho de uma monstruosa ovulação. Atinge, em relação ao macho, dimensões gigantescas; muitas vezes seus membros são cotos, seu corpo um saco informe, todos os órgãos degeneram em proveito dos ovos (BEAUVOIR, 2019, p.44).

5 Voltarei à histeria adiante, ao me aproximar da loucura.

Figura 1
Superovulação, 2021,
fotografia, 20 x 27cm¹
Fonte: Acervo pessoal.



Depois de ensaiar uma aproximação com as questões éticas, Robert Edwards se convence de que “os homens tinham seus próprios futuros nas mãos” (JOHNSON, 2010, p.243) e segue buscando trazer para o *in vitro* uma imitação plena do processo *in vivo* em humanos.

[Pergunto-me se o futuro que eles têm em mãos é o nosso.]

O problema agora parecia ser encontrar um suprimento confiável de óvulos humanos. Não sendo a infertilidade tida como doença, nada justificava, portanto, os estudos de fertilização *in vitro* com embriões humanos.⁶

[Parece que sempre foi sobre nos experimentar.]

A superpopulação e o planejamento familiar eram vistos como fatores dominantes, e os inférteis eram ignorados como, na melhor das hipóteses, minoria irrelevante e, na pior, como contribuição positiva para o controle da população (JOHNSON, 2010, p.249).⁷

Parece que o Estado ainda não havia percebido o potencial desses estudos no controle de nossas atividades reprodutoras.

“O primeiro grupo de óvulos para fertilização foi fornecido por uma mulher, Molly Rose, que, embora haja sido convidada para ser coautora nas publicações, recusou o convite, segundo o próprio Robert, por razões desconhecidas” (JOHNSON, 2010, p.248).⁸ Eu me pergunto se Molly pôde entender a dimensão científica e política de sua recusa.

Robert Edwards (JOHNSON, 2010, p.247, grifo meu) antecipou, ainda em 1965, alguns possíveis desdobramentos de seus estudos, entre eles:

6 “Para seus colegas médico-cientistas, no entanto, o fato de a infertilidade não ser vista como um problema clínico significava que qualquer pesquisa destinada a aliviá-la não era vista como um tratamento experimental, mas como o uso de humanos para experimentos. Dadas a sensibilidade aos ‘experimentos médicos’ nazistas e a reação e a inquietação do público em torno da recente publicação de “The Human Guinea-pig”, essa distinção foi crítica” (Johnson, 2010, p.250). [No original: For his medico-scientific colleagues, however, the fact that infertility was not seen as a clinical issue, meant that any research designed to alleviate it was not viewed as experimental treatment, but as using humans for experiments. Given the sensitivity to Nazi ‘medical experiments’, and the public reaction and disquiet surrounding the recent publication of ‘The Human Guinea-pig’ [79], this distinction was critical.

7 No original: *Overpopulation and family planning were seen as dominant concerns and the infertile were ignored as at best a tiny and irrelevant minority and at worst as a positive contribution to population control.*

8 No original: According to Bob [66], Molly Rose provided the first group of eggs to be fertilised, and although invited to be a co-author, declined for reasons unknown.

Efeito da idade materna em relação às origens da trissomia 21; *uso de hormônios para aumentar o número de óvulos por mulher, disponível para estudo/uso*; estudo de embriões de fertilização *in vitro* precoce para evidências de (a)normalidade – especialmente aneuploidias que surgem antes ou no momento da fertilização; controle de algumas doenças genéticas no homem; controle de distúrbios ligados ao sexo pela detecção do sexo no estágio de blastocisto e transferência apenas de embriões femininos; transferência paracervical de embriões de fertilização *in vitro* para o útero; uso de embriões de fertilização *in vitro* para contornar trompas bloqueadas; evitar uma gravidez múltipla por transferência de um único embrião de fertilização *in vitro*.⁹

Aqui já temos algumas pistas para os encaminhamentos de otimização da reprodução humana (muitas vezes à custa do corpo da mulher), ainda que sempre heterossexual. Se argumentarmos que, em 1965, as discussões sobre uniões homoafetivas ainda eram embrionárias, não podemos dizer o mesmo dos entornos do ano de 2010. Durante todo o discurso sobre as contribuições da pesquisa de Robert Edwards na cerimônia de entrega do prêmio Nobel, não há menção sobre o advento da reprodução para casais homoafetivos.

Os 45 anos que se passaram entre a publicação dos estudos que viabilizaram a fertilização *in vitro* e o recebimento do prêmio Nobel parecem referir-se apenas a uma demora ética, religiosa e legal, em se reconhecer o potencial dessa descoberta para um suposto aprimoramento biológico. O alvo nunca foi a diversidade, não mencionada – nem sequer como consequência.

E quanto à mulher? Minha sensação é a de que ela esteve (nesse primeiro momento), junto às ratas, servindo à espécie dentro de clínicas e laboratórios. E mais, que a reprodução assistida vem travestida de independência, no momento em que possibilita às mulheres uma gravidez tardia – com o congelamento de óvulos e embriões –, mas esconde um profundo desejo de controlar e prolongar o tempo fértil da mulher. Nosso terceiro turno só parece aumentar.

9 No original: Table 2. Key points in the programme of research laid out in the Discussion to Edwards' 1965 Lancet paper (landmark paper 2) [54]. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. Studies on non-disjunction of meiotic chromosomes as a cause of aneuploidy in humans. Studies on the effect of maternal age on non-disjunction in relation to the origins of trisomy 21. Use of human eggs in IVF. Culture of fertilised human eggs in vitro. Use of priming hormones to increase the number of eggs per woman available for study/use. Study of early IVF embryos for evidence of (ab)normality – especially aneuploidies arising prior to or at fertilisation. Control of some of the genetic diseases in man. Control of sex-linked disorders by sex detection at blastocyst stage and transfer of only female embryos. Para-cervical transfer of IVF embryos into the uterus. 10. Use of IVF embryos to circumvent blocked tubes. 11. Avoidance of a multiple pregnancy (as observed after hormonal priming and in vivo insemination) by transfer of a single IVF embryo.

O novo tipo de produção sexual implica um controle detalhado e estrito das forças de reprodução das espécies. Não há pornografia sem vigilância e controle paralelos dos fluidos e afetos do corpo. Agindo sobre este corpo farmacopornô estão as forças da indústria da reprodução, ocasionando o controle da produção de óvulos, técnicas de relações programadas, coletas de esperma, fertilização *in vitro*, inseminação artificial, monitoramento da gravidez, planejamento técnico do parto etc. (PRECIADO, 2018, p.53-54).

Não poderia estar mais claro, Paul. A esse respeito, no Brasil, recentemente, o Conselho Federal de Medicina alterou a resolução que regulamenta a utilização das técnicas de reprodução assistida no país, modificando, entre outras questões, o limite de embriões gerados em laboratórios, de ilimitado para oito (RESOLUÇÃO..., 2021).

[A nossa reprodução parece estar cercada por câmeras de vigilância.]

Essas tecnologias parecem inseminar nas mulheres a ideia de que a reprodução é essencial para elas, já que nem a infertilidade é capaz de salvá-las desse destino. Rosemary Betterton (1996, p.107-108) pergunta-se o que muda:

Se as tecnologias reprodutivas têm o potencial de valorizar a capacidade única da mulher de dar à luz, quais as consequências disso para nossa compreensão cultural do nascimento e sua relação com a subjetividade materna?¹⁰

E eu, ainda que sem resposta, lembro a história que uma amiga me contou. Na fazenda de seu avô, as vacas só recebem nome quando estão para parir. Talvez porque, só assim, prenhas, são sujeito. Porque servem à espécie.

Embora não acredite que se trate só disso, coincido mais uma vez com Rosemary Betterton (1996, p.119):

Ao perturbar os limites entre natureza e tecnologia, sexo heterossexual e maternidade, concepção e nascimento, as tecnologias de reprodução assistida desestabilizam

10 No original: If reproductive technologies have the potential to appropriate women's unique capacity to give birth, what consequences might this have for our cultural understanding of birth and its relation to maternal subjectivity?

os fundamentos de identidade e origem, a natureza do sujeito e como essa subjetividade se forma.¹¹

Seria possível naturalizar essas novas formas de concepção e essa origem biotecnológica? E mais, quando a tecnologia assume determinadas funções do nosso corpo de mulher – como o de abrigar a fecundação –, o que podemos fazer com essas lacunas?

[O que posso fazer enquanto não sou palco para a fecundação?]

Pela inseminação artificial, termina-se a evolução que permitirá à humanidade controlar a função reprodutora. Essas modificações têm, para a mulher em particular, imensa importância; podem diminuir o número de períodos de gravidez e integrá-la racionalmente em sua vida, em vez de permanecer escrava desta. Por sua vez, a mulher durante o século XIX liberta-se da natureza: torna-se senhora de seu corpo. Livre em grande parte das servidões da reprodução, pode desempenhar o papel econômico que se lhe propõe e lhe assegurará a conquista total de sua pessoa (BEAUVOIR, 2019, p.175).

Perdoe-me, Simone, mas não me parece que a humanidade controle sua função reprodutora. Talvez apenas aos homens caiba essa função. Ainda não somos “senhoras de nossos corpos”. Está claro que as tecnologias de reprodução podem servir de estratégias de empoderamento para mulheres que querem e decidem pela maternidade, porém, parece-me necessário perguntar até que ponto essas tecnologias não confinam um grande número de outras mulheres que poderiam estar resguardadas pela infertilidade. Como nos desvencilhar disso?

A representação das tecnologias reprodutivas pode ser vista como um “local de disputa”, um espaço no qual as identidades das mulheres como sujeitos maternos e não maternos estão sendo redefinidas (BETTERTON, 1996, p.109).¹²

11 No original: By unsettling boundaries between nature and technology, heterosexual sex and motherhood, conception and birth, A.R.T. destabilizes fundamentals of identity and origin, the nature of the subject and how that subjectivity is formed.

12 No original: The representation of reproductive Technologies can be seen as a ‘site of struggle’, onde space in which women’s identities as maternal and non-maternal subjects are being redefined.

Penso, Rosemary, que esse espaço de redefinição pode ser transformado em “espaço político de resistência”, como nos sugere Ellen Willis.¹³

Atentar para as inclinações ideológicas e capitalistas dentro da ciência parece ser um caminho viscoso, principalmente nos tempos atuais, no contexto político-pandêmico brasileiro.¹⁴ Agora, porém, não me ocorre outro rumo senão especular sobre os possíveis interesses da ciência pelas técnicas reprodutivas para propor uma apropriação delas.

[Pergunto-me o que a medicina quer consertar com a reprodução assistida, já que não me parece que estávamos quebradas.]

aquilo que surge para nós, na forma mística da ciência pura e do conhecimento objetivo sobre a natureza, revela-se disfarçadamente como uma ideologia política, econômica e social (LEWONTIN, 2000, p.64).

Eu me pergunto, Richard, se não está exatamente no desvendar desse disfarce a deixa para que possamos nos apoderar da reprodução assistida. Entendendo-a como um mercado reprodutivo, lucrativo e capitalista, e mais, nas palavras de Marta Jovanovic (2016), uma indústria “orquestrada pelo ambiente social, religioso e cultural.”¹⁵ Disso, contudo, faremos parte apenas se quisermos e sob as nossas condições.

Vejamos o que nos diz um corpo de mulher submetido à reprodução assistida.

13 “[Ellen] Willis será a primeira a denominar ‘feminismo pró-sexo’ o movimento sexopolítico que categoriza o prazer feminino e o corpo das mulheres como espaços políticos de resistência ao controle e à normatização da sexualidade” (Preciado, 2018, p.357-358).

14 Este artigo foi escrito enquanto o Brasil enfrentava uma crise político-sanitária em decorrência da pandemia da covid-19 e de um governo com inclinações fascistas. Nesse confuso cenário, uma corrente negacionista elevou o tom e apontou soluções que rejeitavam evidências científicas. Nesse contexto, gostaria de fazer uma ressalva para minha atenção extrema às condutas científicas. O que busco não é negar os avanços das tecnologias da reprodução assistida, mas sim reunir argumentos que possam nos ajudar a desvendar os interesses que moveram as pesquisas e, principalmente, encontrar caminhos para fazer dessas tecnologias, como já disse, estratégias políticas de resistência.

15 No original: *The industry of assisted reproduction is something else and it is a part of the supply and demand chain that is orchestrated by the social, religious and cultural atmosphere* (Trecho de diálogo com a artista sérvia Marta Jovanovic (2016), via correio eletrônico).

Figura 2

Semiótica da gravidez, 2020, videoperformance, cor, stereo, 16x9, 4'24"¹

Fonte: Acervo pessoal.



1 Videoperformance em que apresento medicamentos e instrumentos que utilizei nas tentativas de engravidar nas três inseminações artificiais e em uma fertilização in vitro com uma transferência de embriões congelados. O título da obra faz referência à videoperformance *Semiotics of the Kitchen*, de 1975, em que Martha Rosler apresenta, de forma irônica e agressiva, alguns instrumentos culinários, dispostos sobre uma mesa, de forma caótica. A artista coloca em pauta o lugar da mulher como dona de casa. O que busco com *Semiótica da Gravidez* é uma estética estéril; uma atitude neutra que se assemelha à de uma representante de medicamentos, e apresento os itens tentando manter a organização inicial em que estão apresentados sobre a mesa. Trata-se de manipulação, quantidade e esterilidade. Aqui, explícito os disfarces utilizados pelas técnicas de reprodução assistida para controlar nossa reprodução.

Um corpo medicado e sedado

Os hormônios são próteses químicas. Drogas Políticas. (Preciado, 2010, p. 413)

[Resta-nos saber a quem servem, e mais, como usá-los a nosso favor.]

*

Durante os tratamentos, coletei. Guardei os resquícios de tudo o que atravessava meu corpo. Talvez como uma tentativa de vislumbrar um limite. Talvez parasse de tentar, quando já não tivesse mais onde guardar tanto lixo hospitalar. O tratamento foi me trazendo um conhecimento novo sobre meu corpo e sobre hormônios. Quando troquei de clínica, já conseguia indicar quais hormônios eram mais eficazes para minha estimulação e quanto tempo precisaria para responder, conforme esperado. Um novo léxico se formava. Sabia que as injeções de Orgalutran doíam mais que as de Puregon. Ainda que, com o passar dos dias, todas as agulhas encontrassem meu abdômen endurecido como resistência. Conforme o inchaço iniciava, eu experimentava uma irritação extrema. Diziam ser hormonal, eu acreditava ser uma recusa do corpo.

*

“Não tenho uma relação próxima com a ciência. Sempre foi tudo muito

empírico” (GALINDO, 2021, s/p).¹⁶ Eu também não, Regina, ainda que me pergunte o que seria uma relação próxima com a ciência. Submeter meu corpo a técnicas de reprodução assistida foi uma tentativa de materializar a noção de corpo como arena política.

Sim, me parece vital o entendimento da arte para além da metáfora, ou seja, o corpo além da poética e da metáfora. Me referir a ele a partir de sua materialidade tem sido parte da minha investigação (PRECIADO, 2010, p.413).

Da minha também.

Em *Himenoplastia, performance* realizada na Guatemala, em 2004, e registrada em fotos, Regina Galindo (2021, s/p) submeteu-se a um procedimento cirúrgico ilegal e clandestino para reconstrução do hímen. Ela me contou que a cirurgia foi realizada por um dentista e tratou-se, na verdade, da sutura dos pequenos lábios vaginais. E que, após a intervenção, teve um sangramento e precisou reverter o procedimento em um hospital. “Eu era uma mulher privilegiada por ter um ginecologista e por ter podido entrar em um hospital naquela situação, sem proibição, por se parecer a um aborto.” (s/p). Penso que também o sou, entre outras coisas, por ter plano de saúde e dinheiro para me sujeitar ao tratamento e não precisar recorrer a inseminações caseiras, por exemplo. “Quem são as que abortam? Todas as mulheres. Quem são as que morrem?” (s/p). Nós, mulheres latino-americanas, sabemos a resposta. *Himenoplastia* escancara questões como a da fiscalização do corpo feminino, da precariedade da assistência ginecológica, do aborto e da violência contra a mulher no contexto latino-americano. “Essa discussão não aconteceu no campo da arte.” (s/p). Pergunto-me por que a arte não se interessa por discutir essas questões a partir de um ponto de vista político, social e/ou legal. E, lembrando Spivak, pode o subalterno falar?¹⁷

Avancemos um pouco mais sobre as relações entre arte, ciência e vida. Durante nossa conversa, abordamos as obras *Rabia*, de 2011, em que Re-

16 No original: No tengo una relación cercana con la ciencia. Siempre ha sido muy empírico.

17 Referência ao título do livro *Pode o subalterno falar?*, da filósofa Gayatri Spivak.

gina Galindo (2021, s/p) recebeu uma dose da vacina contra raiva e *Crisis blood*, de 2009, em que ela vende seu sangue em tubos de ensaio numa galeria em Praga. Apesar de sua vasta trajetória, o que me interessava era falar de algumas obras em que ela era atravessada por medicamentos/procedimentos médicos, assim como eu fui.

Ao falar de *Crisis blood*, Galindo (2021, s/p) traz luz para uma questão pertinente a minha prática artística. Ela me contou que as pessoas ficaram alvoroçadas para comprar cada vez mais sangue, e que uma das pessoas pediu para que ela assinasse o frasco. “Isso não é uma obra de arte. Você acabou de comprar o sangue de uma mulher guatemalteca” (s/p).¹⁸ Como uma artista dentro de uma galeria deixa de ser artista e volta a ser uma mulher guatemalteca? “Essa é a perversidade da obra” (s/p).¹⁹ Eu me pergunto como seguir sendo uma mulher lésbica e racializada por meio, por exemplo, de um vídeo que circula no meio artístico.

“Os projetos que fiz e que cruzam a linha da arte me interessam muito” (GALLINDO, 2021).²⁰ A mim também, Regina. Entender o corpo a partir da perspectiva da arte e da ciência parece ampliar sua potência. E mais, interesse-me pela troca. Quando falei para uma médica sobre meu corpo, como suporte artístico, e do meu interesse em apropriar-me do conhecimento científico, ela me entregou o catéter e a placa de Pétri utilizados nos procedimentos.

“Os processos médicos serviram para sustentar uma hipótese teórica que geralmente é social ou política” (GALLINDO, 2021, s/p).²¹ Sim, Regina, mas, ao submeter-me a um processo que pode trazer uma consequência definitiva, penso que, para mim, a ciência atravessa (ou viabiliza?) questões não só políticas, sociais e artísticas, como também íntimas e pessoais.

[Pergunto-me como se dá a aproximação da ciência com a intimidade.]

18 No original: Esto no es una obra de arte. Acabas de comprar la sangre de una mujer guatemalteca.

19 No original: Esta es la perversidade del trabajo.

20 No original: Los proyectos que he hecho que cruzan la línea del arte me interesan mucho.

21 No original: Los procesos médicos sirvieron para sustentar una hipótesis teórica que suele ser social o política.

E aqui eu gostaria de me demorar um pouco nesse corpo que performa.

Nunca me interessei pela investigação sobre a resistência corporal, sobre a resistência médica e sobre a dor. O fato de o discurso social perder a importância, ao limitá-lo, ao dizer que estou testando meus próprios limites, minha dor e meu prazer, é algo que tive que defender com muito afinco (GALINDO, 2021, s/p).²²

Acho, Regina, que, em algum momento de minha trajetória artística, interessei-me por experimentar os limites de meu corpo. O que, entretanto, já não volta a acontecer durante a pesquisa sobre reprodução. Embora a dor esteja presente em algumas etapas do tratamento, e o corpo seja forçado, por exemplo, a experimentar o limite de crescer o maior número de folículos ovarianos possível, para mim, isso são efeitos colaterais de um corpo que performa a reprodução. E, portanto, assim como você, empenho-me para que não esvaziem o discurso que venho tecendo até aqui.

Conheci a artista Macarena Peñaloza²³ a partir de seu fotolivro *In-Vitro*. A obra reúne imagens do seu processo de fertilização *in vitro*, da gestação, do parto e do puerpério. Na apresentação da obra, Jocelyne Droguett (2019, p.5) observa:

Capturas que nos mostram a experiência do gestar e do parir hospitalar, do desejado instante de procriar de um casal, que se combina com temores, angústias financeiras, altos e baixos emocionais e a frieza desses serviços que veem o nascimento, na maioria das vezes, apenas como um processo medicalizado.²⁴

Compartilho da observação quanto a essa frieza, Jocelyne. Durante todo o tratamento, fico impregnada pela palavra estéril.

22 No original: Nunca me interesó la investigación sobre la resistencia corporal, la resistencia médica y el dolor. Que el discurso social pierda importancia, al acotarlo, al decir que estoy probando mis propios límites, mi dolor y mi placer, es algo que tuve que defender muy duramente.

23 Fotógrafa chilena, integrante do coletivo Las Niñas.

24 No original: Capturas, que nos muestran la experiencia del gestar y parir hospitalario, del deseado instante de procrear de una pareja, que se combina con temores, angustias monetarias, vaivenes emocionales y frialdad de estos servicios que ven el nacimiento en la mayoría de las veces, sólo, como un proceso medicalizado.

Figura 3
Onde fica o útero?,
 2020, fotomontagem digital sobre radiografia, 20 x 24cm
 Fonte: Acervo pessoal.



Quando pergunto sobre a frieza do tratamento, Macarena Peñaloza (2019) disse-me que os exames a cansavam e que era constantemente invadida, pelas pernas ou pelos exames de sangue. Eu também me senti assim, inúmeras vezes violentada e vulnerável.

*

Em um dado momento, logo no início do tratamento, foi-me solicitado fazer uma histerossalpingografia. Um raio-x que avalia as trompas uterinas por meio de contraste. Em uma pesquisa rápida sobre o exame, encontrei inúmeros relatos de mulheres que sentiram dor. Entrei na sala, e duas mulheres pediram-me para deitar-me sobre uma mesa metálica ge-

lada. O médico chegou, posicionou o espécuro e injetou o contraste. A dor era pungente. Grossa e intensa. Como um beliscão. O médico pediu-me para virar o quadril, primeiramente para um lado, e depois, para o outro. A dor passou momentos depois que o exame acabou. Levantei-me, mas não consegui caminhar. Minha pressão caiu e o médico foi chamado. Chamou-me de fraca e disse que era “frescura”. Verificou minha pressão. Nove por quatro. Pediu para que eu esperasse um pouco antes de levantar-me e saiu da sala.

*

[Volto a pensar na punção ovariana. Talvez nos sedem não para que não sintamos, mas para que não reclamemos da dor.]

“Dói! Dói muito!”(SARAIVA, 2020, p.45). Dói mesmo, Ulla, e, assim como você, não sei se é pior a dor ou a forma violenta como nos arrancam a possibilidade de expressão e nos calam.²⁵

*

Onde fica o útero? Essa pergunta surgiu-me em diferentes momentos durante essa pesquisa. Seja quando me vasculhavam vagina adentro, seja quando achavam que ele passeava no nosso corpo histórico, seja quando soube que ele tinha o tamanho de meu punho fechado, ou quando me disseram que ele se contraía, conforme o bebê sugava nossas mamas.

*

Durante os tratamentos, imersa em hormônios, busquei entender cada alteração física. Para que estivesse eu no controle dessas mudanças, para que não estivesse a serviço delas. No percurso, encontrei mulheres que se

25 Conheci Ulla Saraiva (2020), primeiramente nos corredores da universidade, e depois, como aluna de um curso de fotografia que ministrei. Ela foi paciente de reprodução assistida, embora nunca tenhamos conversado pessoalmente sobre isso. Durante minha pesquisa, ela lançou o livro *O quarto amarelo sol*, sobre sua experiência. Só assim descobri as coincidências de nossas trajetórias. Muitos trechos do livro poderiam ter sido escritos por mim. Ela escreve sobre o casal Clara e Eric, mas, já no prefácio, diz que esses personagens são, em essência, ela e seu marido, Aquilles.

especializavam nas aplicações dos medicamentos, e outras que pareciam estar à deriva, não entendiam os números e nem as etapas do tratamento. Sempre que chegava à sala de espera das consultas, perguntava-me quais mulheres ali perdiam a liberdade de sua infertilidade.

*

Durante duas semanas, espero. Reviro meu corpo em busca de sintomas e os escrevo. Uma e outra vez. Na terceira vez, meu diário tem um cheiro insuportável de sangue, que também se vai com a espera. Nessa folha em branco, o que se inscreve é o sangue.

*

Figura 4

Diário de Sintomas, 2019, fotografias de três objetos (algodão, sangue e água sobre placas de vidro), 15cm x 10cm cada¹

Fonte: Acervo pessoal.



1 Em *Diário de Sintomas*, uso o tempo de espera entre a terceira inseminação artificial e o resultado do exame de gravidez, para misturar algodão, sangue e água.

“< 2,39 mUI/mL”, ou aproximações ao fracasso e à loucura

Foram seis os exames de Beta HCG negativos que recebi. O laboratório em que eu fazia os exames, apesar de sempre estampar em negrito as palavras “Não Reativo”, não apresentava o índice hormonal em “0,0 mUI/mL”. Vinha sempre escrito “< 2,39 mUI/mL”. Da primeira vez, claro, imaginei que podia estar grávida. Ao perguntar à médica, ela também não sabia por que eles utilizavam esse número como referência.

(O fracasso aparece-me como questão, por duas vias. Fracasso por não ser uma mulher heterossexual e fracasso por não servir à espécie. A cada negativo, parece que fracasso, simultaneamente, duas vezes). São muitos fracassos.

“A inevitável lacuna entre a intenção e a realização de uma obra de arte torna o fracasso impossível de ser evitado” (FEUVRE, 2010, p.12).²⁶ Assim como as demais questões que tenho pontuado, aproximar-me do fracasso é também aproximar-me da arte.

Encontrar o fracasso durante o tratamento parece imbricar a reprodução e a arte. A reprodução como performance. Lisa Le Feuvre (2010, p.12) argumenta que “Se esforçar para falhar é ir contra o impulso socialmente normalizado em direção a um sucesso cada vez maior”.²⁷ E eu penso que, embora nunca tenha precisado me esforçar para alcançar o fracasso, “ir contra o impulso socialmente normalizado” (p.12) me soa muito familiar.

Uma vez que encaro o fracasso, meu interesse é também transformá-lo em potência. Início o tratamento na certeza de que, por não apresentar questões de infertilidade, minhas chances seriam mais altas, e a resposta seria mais rápida. Prevejo o sucesso e, ainda por cima, rápido. Quando se fracassa muito, tende-se a se acostumar. Nos últimos testes de gravidez, eu já esperava pelo “<2,39 mUI/mL”.

[Oculto meus fracassos, para só depois fazer alguma coisa com eles.]

26 No original: The inevitable gap between the intention and realization of an artwork makes failure impossible to avoid.

27 No original: To strive to fail is to go against the socially normalized drive towards ever increasing success.

Figura 5

Estéril, 2020, vídeo, cor, stereo, 16 x 4, 1'01”¹

Fonte: Acervo pessoal.

1 Desperdício de leite sobre ovo não chocado.



“O constrangimento é uma resposta natural ao fracasso: você quer desaparecer quando isso acontece, quando o mundo olha para você e o julga por seu fracasso” (FEUVRE, 2010, p.17).²⁸ Falei da primeira tentativa para algumas pessoas. Nas seguintes, mantive silêncio absoluto.²⁹

[Com o que se parece o fracasso?]

Não me proponho aqui a adentrar as discussões sobre a ruptura com a beleza, no que diz respeito à arte contemporânea, mas parece-me necessário questionar qual seria uma estética capaz de tornar a violência, a dor, a loucura e o fracasso atraentes.

De qualquer modo, embora ninguém jamais tenha contestado a noção de que os prazeres da arte assumem muitas formas (incluindo as cognitivas), nem é preciso dizer que a maioria das pessoas prefere ter seus prazeres em trabalhos que ainda podem ser descritos em termos de beleza. (FEUVRE, 2010, p.31).³⁰

[Uma estética estéril?]

Tem algo de estéril no fracasso. E, claro, na reprodução. Para *Estéril* recorro a tudo que me impregna. O fracasso, o branco do hospital, o minimalismo dos consultórios, o leite materno que não vem – mas que também é o esperma que se compra – e o ovo que me arrancam. Nessa trajetória, perdi 26 óvulos.

[É possível pensar o branco enquanto fracasso?]

Como disse, porém, não vi o fracasso de imediato. Parecia que o preço e a complexidade do tratamento eram uma espécie de garantia de sucesso.

28 No original: Embarrassment is a natural response to failure: you want to disappear when it happens, when the world looks at you and judges you for your failing.

29 Muitas mulheres, durante o tratamento, criam perfis em redes sociais, mas não se identificam. Nas palavras de Ulla Saraiva (2020, p.78), “A infertilidade impactava a existência de algumas delas de maneira extremamente cruel. Por isso, as contas eram anônimas, porque elas sentiam uma profunda vergonha daquele assunto”.

30 No original: Nevertheless, while no one has ever disputed the notion that art’s pleasures take many forms (including its cognitive ones), it goes without saying that most people prefer to take their pleasures in work that can still be described in terms of beauty.

[Haveria algo de dissimulado em fracassar?]

A tecnologia não tem intuição, reflexividade ou capacidade de saber se algo “parece certo”, mas o objetivo das máquinas é aumentar a eficiência além da capacidade da mão humana (FEUVRE, 2010, p.18).³¹

Ou do corpo inteiro, Lisa. A reprodução assistida tenta controlar, por meio da tecnologia e de hormônios sintéticos, a reprodução humana por completo, mas ainda falha – e muito!

Você acredita que *Motherhood*³² se relaciona com o fracasso? “Absolutamente não! Eu e o curador usamos a palavra ‘fracasso’ sarcasticamente em relação a este trabalho. Estou muito feliz com as escolhas que fiz”.³³ O fracasso não parece lhe interessar. Ouro aqui, seguramente, fala de sucesso.

Talvez, para mim, o sucesso seja uma zona de conforto. Percebo que não me indago muitas coisas após uma vitória. Dado o meu interesse por perguntas, o fracasso parece-me um terreno fértil. Mais uma vez, o fracasso como potência criativa.³⁴ E como potência política.³⁵ E é a partir dele, que sigo minha experimentação. Primeiro, quebro ovos. Em um muro descascado e nas minhas mãos. Depois, proponho-me uma disputa fadada ao fracasso. Luto por eles contra o mar, até perdê-los.

Essas ações começam como catarse para, rapidamente, estabelecerem diálogo com o meu corpo político de mulher. O meu desejo de servir à

31 No original: Technology has no intuition, reflexivity or ability to know if something ‘looks right’, yet the purpose of machines is to increase efficiency beyond the ability of the human hand.

32 Escultura de Marta Jovanovic (2017); conjunto de peças em forma de casca de ovo (cobre eletrostático, folheado em ouro). Cf. <https://www.artsy.net/artwork/marta-jovanovic-motherhood>.

33 No original: Absolutely not! Myself and the curator used the word ‘failure’ sarcastically in relation to this work. I am delighted of the choices that I have made (trecho do diálogo com a artista Marta Jovanovic (2016), via correio eletrônico).

34 “Como o fracasso resiste a nós, nós o questionamos; nós o observamos de todos os ângulos” (Pépin, 2018, p.10).

35 “Também podemos reconhecer o fracasso como maneira de se recusar a aquiescer a lógicas dominantes de poder e disciplina e como forma de crítica. Como prática, o fracasso reconhece que alternativas já estão embutidas no dominante e que o poder nunca é total ou consciente; de fato, o fracasso pode explorar a imprevisibilidade da ideologia e suas qualidades indeterminadas” (Halberstam, 2020, p.133).

espécie em breve se entenderá subversivo.

*36

Quando eu era antiga fui depositária do ovo e caminhei de leve para não entornar o silêncio do ovo. Quando morri, tiraram de mim o ovo com cuidado. Ainda estava vivo (LISPECTOR, 2016, p.303).

Parece, Clarice, que em mim quem morreu foi o ovo.

Os ovos.

Fui eu quem os matei?

Eu não era antiga. Eu os carregava nesse mesmo corpo que carrego agora. De certa forma, há de ter sido uma rebeldia para recusar que existo apenas para isso.

Você me diz que o sofrimento intenso poderia prejudicar o ovo. E eu te digo que o sofrimento intenso mata. Mata os ovos também.

Talvez o meu erro haja sido prestar muita atenção ao que querem do meu corpo fértil. Observar cada fisgada da ovulação, desculpar-me pelos acessos de raiva, chorar pelo sangue que insisto em derramar...

Parece que o ovo precisa de silêncio.

A mulher já nasce com todos os seus óvulos dentro de si. Ninguém os pôs aqui. Eu vim assim. Ao longo da vida, todos os meses, perdemos. A verdade é que querem nos convencer de que perdemos, mas, às vezes, quero pensar que estamos cada vez mais próximas da liberdade de não servir mais para gestar ovos.

36 Diálogo que estabeleço com o conto O ovo e a galinha, de Lispector (2016).

De tão diminutos, uma mulher menopausada pode perder dentro de si os ovários. E se já não os encontram, talvez esteja ela livre da servidão de fêmea. O que mais pode ser uma mulher?

E duas mulheres? Podem juntas ter um filho? Talvez hoje em dia isso seja uma espécie de subversão ao que se propõe a reprodução assistida. Eu me pergunto se eles nos pensaram plurais quando decidiram controlar nossos ovos, tornar-nos todas férteis e prolongar o tempo em que servimos à espécie.

O meu desejo era poder carregar ovos grandes. Cuidá-los, lavá-los. Mas os meus ovos, eu não vejo. Não sei o que carrego. Ainda que, quando muitos, inchem-me a barriga. São apenas sintomas. Não sei se têm cheiro. Não sei se são duros. Não sei que cor têm. Seriam brancos?

Talvez seja melhor não saber. Você me diz que os ovos brancos são perfeitos.

“Chamar de branco aquilo que é branco pode destruir a humanidade” (LISPECTOR, 2016, p.305).

Penso, Clarice, que entender o branco como perfeito é que pode destruir a humanidade.

“Ovo que se quebra dentro da galinha é como sangue” (LISPECTOR, 2016, p. 307). Somos feitas de ovos quebrados, Clarice! Talvez, por isso, esse cheiro impregnado.

*

Figura 6

Mancha, 2021, videoperformance, cor, stereo, 16 x 4, 6'17"¹
 Fonte: Acervo pessoal.



1 Videoperformance em que lavo no mar uma roupa branca suja de sangue.

Charles Pépin (2018, p.23) afirma que a falha é necessária. “Foi nos debruçando sobre o corpo humano quando ele não funcionava bem que compreendemos melhor ‘como ele funciona’”. Um corpo que falha e fala. E pontua: “a experiência do fracasso é a experiência da própria vida” (p.15).

[O fracasso sempre permanece.]

O fracasso parece não recriar uma realidade. Pelo contrário, atesta-a. Pergunto-me qual realidade os meus repetidos fracassos desvelam (a de ser mulher?). Talvez o único caminho seja repensar a realidade (porque de nada nos serve protestar contra o real).

Falho, mas pergunto-me o que há por trás dessas falhas. Charles Pépin (2018, p.57) sugere que seria “a eficácia de uma estratégia consciente”. Começo a pensar que o sucesso do tratamento aponta para uma resignificação do ser mulher, mas foi preciso, primeiramente, ver-me como fiasco.³⁷

“O fracasso não é o de nossa pessoa, mas o de um encontro entre um de nossos projetos e um ambiente” (PÉPIN, 2018, p.64-65). Não sei, é difícil não me identificar com o que sou enquanto fracasso, principalmente quando passo a interessar-me em encontrar potência nesse fracasso. “O fracasso nos faz mal porque ele vem romper nossa carapaça identitária, nossa imagem social, a ideia que fazíamos de nós mesmos. Já não nos reconhecemos” (p. 65). Também já não sei se o fracasso faz-me mal.

Do ponto de vista do feminismo, apostar no fracasso tem sido melhor que apostar no sucesso. No contexto em que o sucesso da mulher é sempre medido a partir de padrões masculinos, e o fracasso do gênero com frequência significa estar livre da pressão de se igualar aos ideais patriarcais, não ser bem-sucedida na mulheridade pode oferecer prazeres inesperados (HALBERSTAM, 2020, p.23).

Seguramente, Jack. Passo a apostar na mulher como fracassada. Ainda que defenda o legítimo desejo de algumas mulheres de servir à espécie,

37 “Às vezes só a experiência do fracasso permite medir o quanto a identidade social nos reduz, nos separa de nossa personalidade profunda, de nossa complexidade. Para superar nossos fracassos, é preciso, pois, redefinir o ‘eu’: não mais um núcleo fixo e imutável, mas uma subjetividade plural, sempre em movimento.” (Pépin, 2018, p. 65).

interesse-me pelo livre-arbítrio feminino e feminista. E, esse sim, não me parece caber dentro dos “padrões masculinos”. Se adiciono à equação mulheres não heterossexuais, talvez já me distancie do fracasso e veja a possibilidade de sair da margem para ocupar o centro. Ainda não chegamos, contudo, nesse momento da discussão.

Quando Ulla Saraiva (2020) diz-me que, após um negativo, não conseguiu evitar sentir que, de alguma forma, aquilo fosse sua culpa, ela escancara o seu fracasso como mulher. Ainda que as probabilidades de sucesso do tratamento a que nós duas nos submetemos estejam em torno de 50 por cento, não é a tecnologia desenvolvida por homens para controlar nossa reprodução que ela culpa. E ela não está só. Eu sentia que meu corpo falhava cada vez que meu útero vazia sangrava.

Senti como se eu fosse menos mulher, ou uma mulher incompetente, já que a coisa mais básica da existência humana, o que era nosso ‘direcionamento biológico’ era impossível para mim. Pensando racionalmente, eu sabia que não era menos mulher porque não conseguia ter filhos de maneira natural. Óbvio que meu valor não podia ser medido pela minha habilidade em me reproduzir, mas parece que a maternidade é cercada dessa aura de culpa antes da concepção (SARAIVA, 2020, p.46-47).

Exato, Ulla. Mesmo que você esteja racionalmente bastante alinhada com as questões que coloco, o que você sente – assim como eu – ainda denuncia que estamos encharcadas de um fracasso pouco empoderado.³⁸

E se ainda nos faz falta algum argumento, Rosemary Betterton (1996, p.108-109) é assertiva:

Nos discursos proliferantes sobre tecnologias reprodutivas na medicina, no direito e na mídia, as mulheres estão presentes apenas como vítimas individuais de sua própria biologia. A tecnologia entra em cena quando os corpos das mulheres ‘não funcionam’.³⁹

38 “Ter filhos e não ter filhos estão intimamente ligados a um senso de identidade e valor próprio para as mulheres” (BETTERTON, 1996, p.108). No original: Childbearing and childlessness are intimately connected with a sense of identity and self-worth for women.

39 No original: In the proliferating discourses on reproductive technologies in medicine, in law, and in the media, women are present only as individual victims of their own biology. Technology steps in when women’s bodies ‘fails to perform’.

[Eles não querem que nosso sangue escorra pelas pernas.]

Em *Mancha*, o sangue que suja a roupa e a impregna, para nunca mais sair, fala de fracasso, de perda e de violência (mas poderia também falar do alívio que sentem as mulheres que não querem engravidar). A câmera inquieta que me acompanha nessa missão fracassada apresenta minha pele e o sangue como mancha e, pouco a pouco, os vai fundindo. O que não se sente é o cheiro. Um cheiro ferroso de entranha, que não abandona a roupa, nem mesmo depois que ela está charqueada pelo mar.

A mancha é essa coisa que se infiltra, ela não tem forma em si. Ela acontece na superfície e a gente não tem controle sobre ela. Ela vai se infiltrando. Ela não tem uma forma prévia. Ela é. Ela acontece ali e tem zonas de penetrabilidade. (...) Ela permite que a gente entre nela, diferente de uma forma fechada, contornada, a mancha dá abertura e ao mesmo tempo ela se furta de novo, ela se furta de ser fechada (MACHADO, 2021).⁴⁰

Não poderia ter dito melhor, Clara. Parece que a mancha fala sempre de ferida, passado, resqúicio e ruína. Em que o de dentro sai. E é exatamente aí, mais uma vez, que me aparece como potência.

[O que podemos construir a partir da ruína?]

Lembro-me de que Marta Jovanovic (2016) também mancha seu vestido branco. Em *Ljubav/Love*, a artista surge usando um longo vestido branco, que aproxima sua imagem à de santa ou entidade. A seu redor, muitos baldes metálicos repletos de corações frescos e ensanguentados. Os espectadores, à distância, atiram-lhe os corações. Seu corpo balança a cada impacto. Sua roupa branca, pouco a pouco, vai sendo tingida com sangue diluído.

E já que estamos falando de sangue... Por vezes não sabia se aquilo poderia receber o nome de aborto. Ulla Saraiva (2020, p.35) também divide comigo as incertezas sobre o sentir.

40 Fala da artista Clara Machado (2021), cuja obra me interessa pela escrita e pela forma como faz uso do sangue, mas se desvencilha do já visto, explorando questões que aproximam o corpo das noções de resto, rastro e memória.

Figura 7

Sem título, 2021,
objeto, resina, sangue,
embriões e madeira,
20 x 18 x 3cm
Fonte: Acervo pessoal.



Eu sequer sabia se eu estava me sentindo só triste, ou se aquilo que eu estava sentindo era um luto. Não sabia se eu deveria considerar que perdi um filho ou se era melhor fingir que nem tinha engravidado. (SARAIVA, 2020, p. 35).

De todas as formas, fracassava. Na dúvida, surge sem título.

Resta-nos pensar sobre esse corpo que não quer engravidar. Pensá-lo não como fracasso, mas como uma tentativa de triunfo. Do ponto de vista biológico, a gravidez é o maior evento imunológico do corpo, e, por se tratar de um corpo estranho, baixamos nossas defesas para que o embrião possa se implantar. A mulher permite-se adoecer para não expelir o embrião. Mas expulsá-lo não deixa de ser uma vitória. Nesse caso, do indivíduo, e não da espécie.

[O aborto como sucesso do corpo.]

Perguntam-me se já tive abortos e eu não sei o que responder.

Coletei o sangue de uma transferência frustrada. Misturei a ele resina e água e derramei a mistura, preenchendo a fenda de um corte de madeira. A resina quase não conteve o sangue. Outra vez, o cheiro toma todo o espaço. O sangue e a resina reagem, geram bolhas em sua disputa, até

que petrificam (penso que os embriões voltam, de certa forma, ao seu congelamento inicial). O cheiro cessa.

O fracasso leva-me a outro caminho inevitável, à loucura. E é sobre ela que me debruçarei brevemente.

*

O prefixo hister sempre esteve comigo. Primeiramente, porque o carregamento em mim. Útero. Depois, quando o arrancaram de minha mãe. Histerectomia. Anos mais tarde, precisaram revirar-me as trompas, injetando contraste. Histerossalpingografia. Quando precisaram usurpar-lhes um pedaço, por duas vezes, sedaram-me. Histeroscopia. Portanto, penso que devo manter alguma intimidade com a histeria, ainda que a loucura assumira outros nomes.

*

Eu quis entender mais sobre a histeria. Sabendo que esse era um diagnóstico em desuso, encarei-o como mito,⁴¹ como nos aconselha Preciado (2018).

Conta-se⁴² que a histeria era uma doença exclusivamente feminina e, por isso, recebe esse nome. Estando diretamente ligada ao útero, às vezes era causada por um fluxo irregular de sangue, às vezes porque sua esterilidade o obrigava a passear pelo corpo, obstruindo todas as passagens de ar e causando dores agudas, sem causa orgânica aparente. Para esses casos, ter um filho parecia ser a solução. Por vezes, dizia-se que a histeria estava ligada a uma intervenção demoníaca ou que era provocada por odores

41 “É imperativo entender nossas identidades sexuais como efeitos traumáticos de um violento sistema biopolítico de sexo, gênero, sexualidade e raça e elaborar novos mitos que nos permitam interpretar o dano psicopolítico, nos dando coragem necessária para a transformação coletiva” (Preciado, 2018, p.396).

42 Visando à história da histeria, encontrei um mesmo texto em diferentes fontes e com autoria desconhecida. A partir dele e experimentando o tom de narrativa mitológica, busco uma estratégia de deslegitimação. A fonte que escolhi usar – não aleatoriamente – é um texto do curso de psicologia clínica, módulo História da histeria (s/d), da Faculdade de Teologia e Ciências. Ressalto ainda que a associação que faço aqui, de histeria e loucura, é conscientemente desviada, uma vez que Freud a aproximava muito mais da sexualidade do que da loucura. Não é, porém, interesse da pesquisa o aprofundamento psicanalítico dessa questão.

fétidos que se desprendiam do útero, em função do sangue menstrual que se decompunha. Vez por outra, o útero foi chamado de matriz (depois de um tempo, cansaram-se de pensar sobre ele e o abandonaram).

Ainda que carreguemos um órgão que recebeu o nome de matriz, parece que sempre houve um desejo explícito de nos dizer sujas, podres, endemoniadas e loucas. Talvez por isso a repulsa pelos trabalhos em que usei o meu sangue de matriz. As pessoas para quem mostrei as lâminas de *Diário de sintomas* – já secas e inodoras – deram um passo atrás e recusaram-se a tocá-las.

Assim como Ulla Saraiva (2020), ouvi diversas vezes que, quando menos esperasse, conseguiria engravidar. “A opinião de que eu precisava relaxar me deixava especialmente enlouquecida” (p. 39). Era preciso não esperar, não desejar o sucesso. Com um calendário controlado por hormônios sintéticos, entretanto, parece que os dias encontravam aí sua função. Sinto-me mais próxima dessa possível loucura sempre que percebo que perco o controle sobre o que penso.

[A loucura parece estar intimamente ligada ao descontrole.]

“O tratamento de fertilização *in vitro* parece um pouco com ficção científica” (SARAIVA, 2020, p.91). Seguramente, Ulla, talvez por isso criemos uma realidade paralela, pautada por nossos corpos e seus sintomas. Essa realidade, contudo, é particular, inventada por e para nós. Isoladas. E há algo de solitário na loucura. Lembrei-me agora de quando ouvi de uma artista que era óbvio que as pessoas não gostassem de loucura. O que me convence de que precisamos seguir falando sobre ela.

Nas duas vezes em que submeti meu corpo a uma fertilização *in vitro*, injetando-me uma quantidade muito elevada de hormônios, durante dez dias, e interrompendo bruscamente seu uso após a punção de óvulos, experimentei episódios de crise em que talvez haja me aproximado da loucura.

[Não estou certa de que a loucura exista.]

“Na crise, dois elementos se separam, criando uma abertura através da qual se pode ver” (PÉPIN, 2018, p.23). Eu me pergunto, Charles, o que se separa em mim. Será que eu me divido entre sã e insana? Ainda assim, interessei-me por isso de que você fala, isso que as crises desvendam.

Figura 8

Tentativa de engravidar, 2020, videoperformance, cor, stereo, 16 x 4, 7'59"¹
 Fonte: Acervo pessoal.



1 Videoperformance em que crio um invólucro para meu corpo com balões transparentes cheios do meu ar. Aqui investigo reprodução, fracasso, loucura e feminismo.

Quer tenham lugar no corpo ou no psiquismo, no palco da história ou na vida íntima, as crises causam uma ruptura na realidade: de repente se oferece ao nosso olhar o que estava escondido (PÉPIN, 2018, p.25).

[O que esconde um corpo lésbico que reproduz?]

Em confronto

Nosso trajeto não nos leva a conclusões, mas a reprodução assistida talvez nos ofereça rascunhos de um possível levante feminista.

Aqui não falei sobre uma reprodução qualquer. Narrei, como mulher, a história da reprodução assistida. Como quem chafurda numa história impregnada de protagonismo masculino. Isso me levou a questionar o papel dessa reprodução como eliminadora da autonomia de algumas mulheres, me perguntando se todas as mulheres queriam ser salvas da infertilidade. E mais, percebi que ainda em 2010 não se falava sobre os feitos da reprodução assistida para os casais homoafetivos. Não era por isso que se ganhava um prêmio Nobel. Seguíamos invisibilizadas.

Se essa reprodução não foi pensada para nós, me parece evidente pensar que reproduzir como um casal de mulheres é de fato um gesto de in-

submissão que desafia a lógica heteronormativa e reivindica nosso direito de existir, decidir e constituir famílias.⁴³ Reafirmando, portanto, o corpo como um espaço político de resistência do qual nos fala Ellen Willis (PRE-CIADO, 2018).

Esse pensamento me ocorreu ao mesmo tempo que experimentei meu corpo em *performance*. Uma *performance* entendida tal como a concebe Eleonora Fabião (2013): uma relação de confronto entre mundo e corpo pautada por enunciados precisos. O corpo de uma mulher lésbica que reproduz confronto e é confrontado pelo mundo, reiteradamente.

Além disso, a reprodução assistida está imersa em precisão.

[Eu sabia o dia, a hora e os minutos em que meus óvulos deveriam eclodir.]

Com esse corpo especulado, foi inevitável investigar o fracasso e a loucura como potência – estética e discursiva –, em diálogo direto com as questões artísticas, feministas e *queer* que margeiam todo este diálogo.

43 “parte da necessidade de julgar mal e ignorar as lésbicas negras vem de um medo muito real de que aquelas que abertamente priorizam mulheres, que não dependem mais de homens para se autodefinir, possam reordenar todo nosso conceito de relações sociais” (Lorde, 2019, p.153).

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. V.1 *Fatos e mitos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BETTERTON, Rosemary. *Intimate distance: women, artists and the body*. London: Routledge, 1996.

DROGUETT, Jocelyne Rodrigues. Editorial. In: PEÑALOZA, Macarena. *In-Vitro*. El Totoral, Chile: Maar Ediciones Fotográficas, 2019. p. 5.

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. *Revista Ilinx*, Campinas, n.4, dez. 2013. Disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

FEUVRE, Lisa Le (ed.). *Failure: documents of contemporary art*. London/Cambridge: Whitechapel Gallery/The MIT Press, 2010.

GALINDO, Regina José. Círculo de conversas: nos deixem falar com Regina José Galindo. Disponível em: https://mega.nz/folder/CwpjyKrA#oR-NeKs_HHUQzJug1DTtC3g. Acesso em: 25 de jan. 2021.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe, 2020.

HISTÓRIA da histeria. Módulo de Psicologia Clínica. Faculdade de Teologia e Ciências. S/d. Disponível em: <http://www.fatecc.com.br/ead-moodle/pospsicanaliseclinica/modulohisteria.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2021.

JOHNSON, Martin H. Robert Edwards: Nobel Laureate I Physiology or Medicine. 2010 Disponível em: https://www.nobelprize.org/uploads/2018/06/edwards_lecture.pdf Acesso em: 8 jun. 2021.

JOVANOVIC, Marta. *Ljubav/Love*. 2016. Disponível em: <https://vimeo.com/387184295>. Acesso em: 13 jul. 2021.

LEWONTIN, Richard C. *Biologia como ideologia: a doutrina do DNA*. Ribeir-

ão Preto: Funpec-editora, 2000.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MACHADO, Clara. *Encontros dissonantes: a imagem como sintoma, o fazer como imagem*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lr-5v11A-7s>. Acesso em: 13 jul. 2021.

PEÑALOZA, Macarena. *In-Vitro*. El Totoral [Chile]: Maar Ediciones Fotográficas, 2019.

PÉPIN, Charles. *As virtudes do fracasso*. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

RESOLUÇÃO CFM N° 2.294, de 27 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cfm-n-2.294-de-27-de-maio-de-2021-325671317> Acesso em: 10 jul. 2021.

ROCK John; MENKIN, Miriam F. *In vitro fertilization and cleavage of human ovarian eggs*. 1944. Disponível em: https://embryology.med.unsw.edu.au/embryology/index.php/Paper_-_In_vitro_fertilization_and_cleavage_of_human_ovarian_eggs Acesso em: 9 jul. 2021.

SARAIVA, Ulla. *O quarto amarelo sol*. Toronto: edição da autora, 2020.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

